

Versos que nascem da vida,
entre dores, encantos e recomeços.

PARADOXOS EM RE-VERSOS

Poesias

Recortes
de alma,
retalhos de vida,
versos de mim
e de nós.



Criação Editora

MARIA NEIDE SOBRAL

Neide Sobral construiu uma sólida e reconhecida trajetória no campo da Educação. Professora titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduou-se em Pedagogia pela instituição em 1985, onde também concluiu o mestrado em Educação, em 1996. Em 2007, obteve o título de doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Ao longo de sua carreira, tem se dedicado aos Estudos Interculturais da Educação, entrelaçando, em suas pesquisas e reflexões, temas como história, tecnologia e ensino. Professora emérita, participa de projetos que investigam os caminhos da interculturalidade e suas relações com a formação humana e os processos educativos.

Sua atuação ultrapassa os limites da universidade e alcança também o universo das letras, como membro da Academia de Letras de Itabaiana, espaço em que conhecimento, memória, poesia e sensibilidade se encontram.

S677p Sobral, Maria Neide

Paradoxos em re-versos: poesias / Maria Neide Sobral. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2026.

66 p.

ISBN: 978-85-8413-794-7

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária Isadora Pelosi CRB-8/11448



Escrita de si

Escrever poesias tem muito de egoico, intersubjetivo, automotivação, de revelação e de intuição. Oscila entre a beleza da dor e a dor na beleza.

Em 2016, lancei um livreto chamado *Padadoxos em versos*, com poesias (ou tentativas delas) desde que me conheço por gente. Entre o simplório e o óbvio, entre o martelo e o corte, entre sombras e luzes, fui ensaiando meu desejo de escrever poesias.

Pouco soube daqueles que o leram: se fez sentido, se sonorizou, se despertou alguma empatia pelos versos lá publicados. Não houve sucesso, nem grande presença, mas de silêncio. O silêncio que acomete determinados escritos por anos, décadas, séculos, talvez pela eternidade.

No entanto, aquele sentimento de expor-me e arriscar-me foi fundamental naquele momento, dando-me a certeza de que a fazer é mais importante do que nunca tentar; de que escrever é meu risco, minha obsessão, meu projeto de vida.

Assim, continuo nesta empreitada, navegando sempre entre a possibilidade de ser e a mediocridade de não ser; sem tempestade nem ambição, mas insistindo em dizer algo extraído de minhas entranhas, algo que me representa e que também representa tantos outros, que, em um ou outro verso, encontram-se em ponto de confluência e de empatia.

Fiz eu mesma a ilustração, apoiando-me nas ferramentas da inteligência artificial, hoje disponíveis. Recuperei e, em alguns casos, revi poemas que, em sua maioria, foram publicados no Facebook, acompanhados dos comentários de alguns e do silêncio de muitos. Outros, compartilhei-os apenas com algumas pessoas.

Convido-os(as) à visitaçao,

Maria Neide,

Junho, 2026

Assim te convido...

Este livro pulsa experiência vivida. Confesso-te:

nada diz de ti,

nem para ti foi pensado.

Arranhei as palavras,

igual lixa na madeira rústica,

em confissões malfeitas,

versos malversados,

remeleixo de rimas,

atrasos e muitos atrasos.

São apenas palavras jogadas ao vento,

voando serenas

nos algoritmos traçados.

Onde habito a mim, agora,

idosa,

senhora de mim?

Nos paradoxos mestiços e serenos

dos re-versos de mim,

contigo, de fato.

Convido-te, então,

a ler-me sem mim.



Um convite para atravessar o tempo em versos

A educadora e a ousadia da poeta nunca estiveram em lados opostos na vida de Neide Sobral, sempre convergiram, como as duas margens de um mesmo rio. Amiga querida e referência intelectual em minha trajetória, foi ela quem me ensinou, no tempo que nos coube conviver, que escrever é também um ato de coragem: o de se expor, se arriscar, se contradizer sem medo do próprio paradoxo. Por isso, receber o convite para prefaciar *Paradoxos em Re-versos* foi, antes de tudo, uma honra que aceitei com o coração, e um privilégio que assumo com a responsabilidade de quem sabe o quanto este livro custou, em vida vivida, para existir.

A história começa em 2016, quando Neide lançou um pequeno livreto, quase em surdina, chamado *Paradoxos em versos*. Eram poemas escritos “desde que me conheço por gente”, como ela mesma confessa nas páginas iniciais desta nova edição: um gesto de humildade que esconde, na verdade, décadas de observação atenta do mundo e de si. Àquela época, o livro seguiu seu caminho silencioso, como seguem tantas obras que não fazem alarde, mas que se sedimentam, aos poucos, na vida de quem as lê. Agora, quase dez anos depois, esses versos ressurgem transformados: revisitados, ampliados, iluminados por ilustrações que dialogam com cada poema como se sempre tivessem pertencido a ele. *Paradoxos em Re-versos* não é uma simples reedição, é uma re-existência.

Há, no próprio título, uma declaração de método. “Re-versos”: versos que se revisitam, se reveem, se reinventam; e reversos, o avesso das coisas, a outra face que a poesia insiste em revelar. Neide não escreve para consolar o mundo com respostas fáceis. Escreve para habitar as contradições: entre a dor e a beleza, entre a urgência e a vontade de se abrigar à sombra de uma árvore, entre a mulher que foi professora e a professora “inativa” que descobre, incomodada e lúcida, que o tempo não se possui, apenas se atravessa.

É esse mesmo tempo, aliás, o grande personagem oculto do livro. Ele aparece em relógios que se despedaçam em “Preciso lembrar de lembrar”, nas urgências cotidianas de “Tenho urgência!”, nas madrugadas insones, nos recomeços anunciados e nos silêncios impostos pela vida. Mas o tempo de Neide nunca é abstrato: é o tempo de uma mulher sergipana, educadora, mãe, amante dos animais, cidadã inconformada diante das injustiças de seu país e, por isso, comparecem com igual força a memória da escravidão, o peso do machismo, as *fake news*, a pandemia e até a inteligência artificial que, hoje, paradoxalmente, ajuda a ilustrar estes mesmos versos sobre a condição humana.

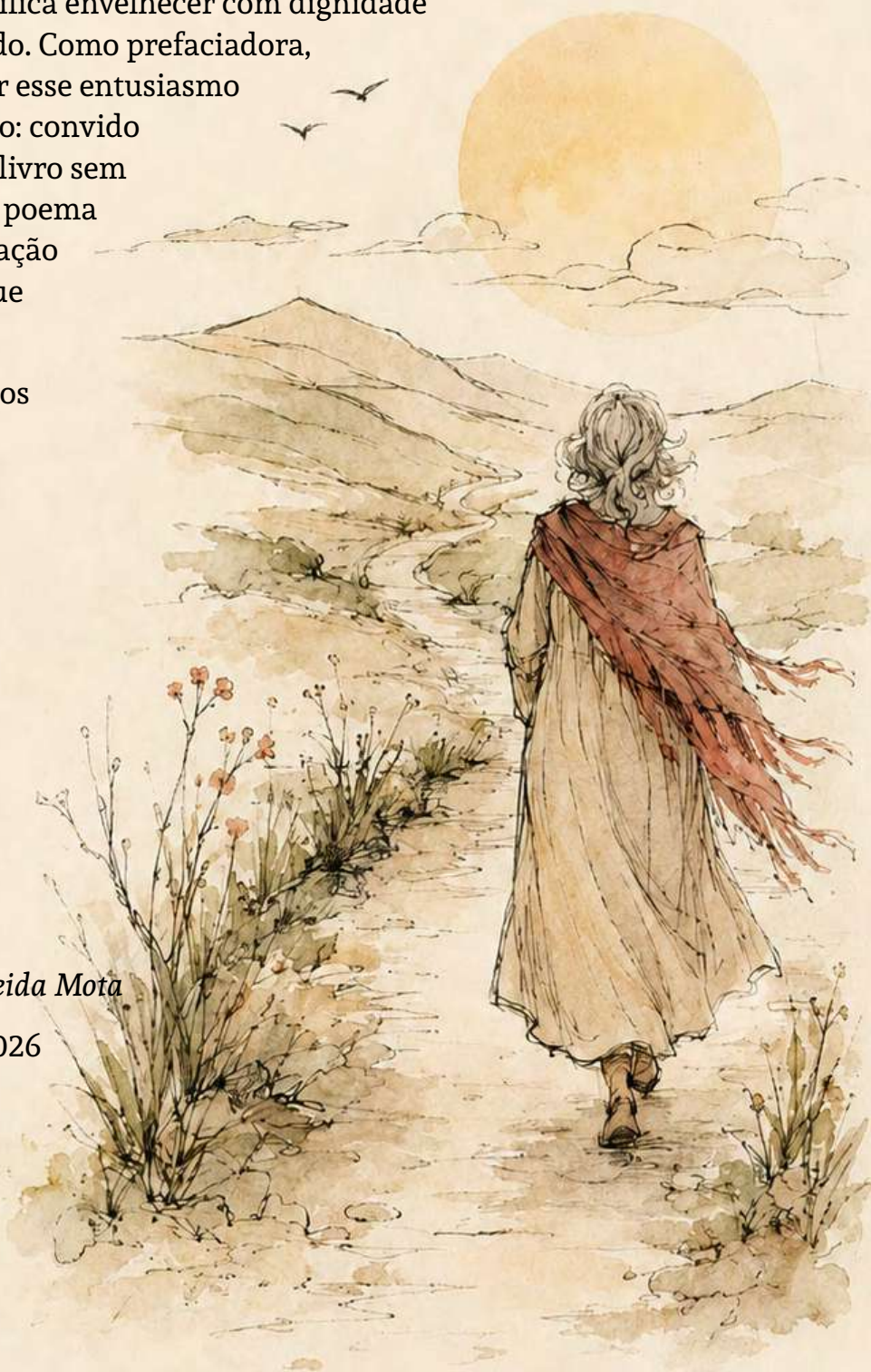
Há, ainda, humor, um humor fino, autoirônico, de quem se confessa “malcriada” sem jamais perder a elegância, de quem ri de si mesma para melhor enxergar o outro. E há, sobretudo, uma voz absolutamente autêntica: a voz de quem escreve não para agradar, mas porque, nas palavras da própria autora, escrever é risco, obsessão, projeto de vida.

Como leitora e como amiga, atravessei estas páginas com a emoção de quem reconhece, entre versos, longas conversas que já tivemos, sobre educação, sobre memória, sobre o que significa envelhecer com dignidade e continuar se reinventando. Como prefaciadora, no entanto, procuro conter esse entusiasmo e apenas indicar o caminho: convido você, leitor, a entrar neste livro sem pressa, deixando que cada poema se demore, que cada ilustração respire ao lado do texto, que cada paradoxo o interpele.

Que Paradoxos em Re-versos encontre, desta vez, o eco que sempre mereceu. E que Neide Sobral, minha querida mentora e amiga, continue a nos ensinar em prosa, em verso e em vida, que escrever de si é também, sempre, escrever de nós.

Ana Claudia de Ataíde Almeida Mota

Aracaju, 05 de agosto de 2026



Sumário

Escrita de si **3**

Assim te convido... **4**

Um convite para atravessar o tempo
em versos **5**

Sou minhas memórias...

Ladainha dos achados **9**

Um bago de jaca (Uma lembrança) **10**

Maria? Presente! **11**

Tempo é uma quimera,
transborda nos versos

Tenho urgência! **13**

O tempo que temos, no tempo
alargado **14**

Isso sim **15**

Eu, nos paradoxos, em re-versos...

Não sou perfeita **17**

Retalhos de si **18**

Assim, sim... **19**

Pau de bambu **20**

Ambivalências **21**

Na garganta, o grito contido, sangra...

Dor com cor **23**

Tanta dor **24**

Grito entalado **25**

Frio na espinha... **26**

Confesso-te **27**

Movimento **28**

Um Tributo **29**

Um toque... toc, toc **30**

O eco nordestino, na veia

Melancolia dinâmica **32**

Canta galo **33**

Noite sombria de São João **34**

“O que é a vida meu irmão?” **35**

Arre égua, meu irmão **36**

Senhora de mim, do tempo...

Preciso lembrar de lembrar **38**

Para os ativos e os inativos **39**

Professora “inativa” **40**

Ainda não estou de saída... **41**

Em 2008 **42**

“A morte sou eu” **43**

Da janela, enquadro um quadro,
avisto o mundo...

Da janela **45**

À espera dos esperançosos **46**

Pandemia **47**

Na madrugada **48**

Filoso-versando...

Quisera saber.... **50**

Fake News **51**

Eu e a IA **52**

Qual é o sentido de Deus? **53**

É a vida **54**

Frouxos laços **55**

Sem razão **56**

Imperativo **57**

Di-versifiando e entoando...

Mulheres **59**

São Paulo é assim... **60**

Doce trincado **61**

Palavras vazias **62**

Poesia anacrônica (riscos) **63**

Pimenta azeda **64**

Lição de Autoajuda! **65**

Natal? não, não... **66**

Ilustrações do Chat GPT **67**



*Sou minhas
memórias...*



Ladainha dos achados

Poucos achados
na quebrada da noite,
na soleira do tempo,
no vento indisciplinado,
na boca do sapo,
no selo da carta,
na arca de Noé,
na feitura do fogo,
na brasa ardente,
no quente do verão,
no cenário da vida,
na lida,
no chão.

Poucos achados
no inverno avassalador,
na dor de Maria,
no silêncio de João,
no canto da cutia,
na voz do papagaio,
na galho da árvore,
na cota do preto,
no preto no branco,
no céu sem estrelas,
na vida ensandecida,
na vida,
na lida,
no chão.

Poucos achados
na boca do rico,
no riso do pobre,
na semente adormecida,
no campo minado,
na água escorrida,
na estrela do dia,
no sonho perdido,
no terço mal rezado,
no tempero salgado,
na vida,
na lida,
no chão.

Quem sabe,
um pouco de sabedoria,
um afeto bem dado,
uma empatia sentida,
caminhos cruzados,
encontros sadios,
encantos saudados,
amores correspondidos,
dias de sonho
e sonhos realizados.

No chão,
na lida,
na vida,
Poucos achados.

Junho, 2026

Um bago de jaca (Uma lembrança)

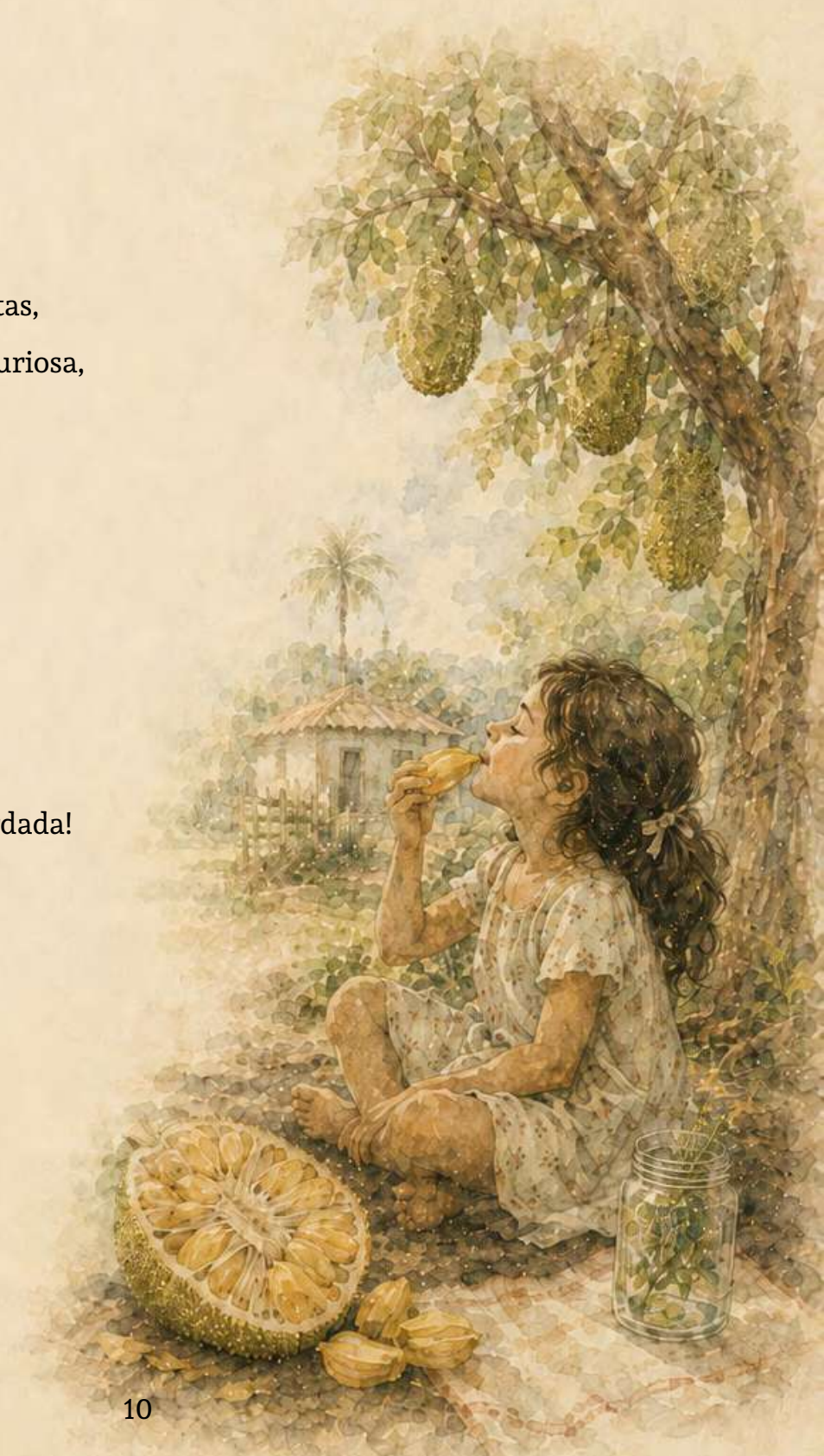


Que sabor-saboroso,
quase licoroso, da jaca madura.

De tempos de outrora,
vagante menina em terras abertas,
embaixo da jaqueira, serena e curiosa,
um bago de jaca apreciava.

Doce-mel deslizante,
entre dentes mastigantes,
no deguste assombrado
de um petisco acomodado
na boca de uma infante.
— Apenas uma lembrança guardada!

Março, 2019



Maria? Presente!

Ah! Maria, e o teu passado?
Assustado e apressado, se foi.
deixou-te ficar, aquietada,
no presente.

Insistente, embora cansada,
atravessa tantas madrugadas,
em noites mal dormidas,
com algumas gargalhadas,
sorrisos toscos e enternecidos.

Aí Maria, tantos presentes vividos.

Pergunta-te pelo porvir?

Na estação do trem, esperas
o embarco, a migração,
terra de ninguém.

Desembarcas, cansada,
com a mala carregada,
de presentes passados,
arquivados, esquecidos.

Pergunto-te: serão reativados?

Presentes sumidos,
perguntas não respondidas,
respostas em atrasos.

Maria, só há este momento,
nada mais, nada menos.

O que vês? O que ouves?
O que te sentes? O que pensas?

Prensa a prensa da mandioca,
da malhada à farinhada,
os dias sucedem,
em pinceladas de presentes.

Presente, Maria!

Deus, por favor,
abençoe Maria!

Setembro, 2021



*Tempo é
uma quimera,
transborda
nos versos...*

Tenho urgência!

Não de ir embora,
nem de me abrigar
à sombra de uma árvore.
Minha urgência é
cumprir compromissos,
fazer coisas.

Tecer palavras em tranças e cordas
que amarrem redes
e construam conexões.

Tenho pressa de encerrar tarefas,
de aprender o que há de novo
no dia a dia dos tempos,
mesmo sem pensar muito.

Maio, 2026



O tempo que temos, no tempo alargado

Deitada na rede, meu “berço esplêndido”,
olhares fugazes para a pitangueira, o cajueiro e o mamoeiro.
Fico a meditar, a refletir, a lembrar...
Pensamentos “sãos” me assolam como luzes;
em outros momentos, acometem-me ideias avassaladoras.
Lembranças encharcam meus olhos de pingos de chuva.
Vejo a pitangueira que dá suas frutinhas;
o cajueiro parece estéril,
e o mamoeiro floresce, mas não frutifica.
Cá estou eu, na rede, vendo o tempo passar.
Medito sobre a pandemia, essa guerra mundial avassaladora,
sem exércitos que defendam pátrias, pessoas ou economias,
mas com “inimigos” invisíveis que circulam como o vento.
Penso no sentido da solidariedade, da igualdade e da permanência.
No tempo que se esgota e passa, eu me vou com ele.
Deixo nas sombras o tempo apressado, frenético, louco,
quando não havia tempo para nada; agora, o tempo sobra.
O chamego dos parques, dos bares, dos locais de trabalho,
o movimento das ruas, os montantes de festas e festivais...
Tudo foi e DEVE silenciar.
Precisa SILENCIAR.
Carece PARAR.
Para que a vida, seja lá que vida for, seja PRESERVADA.
Fico eu, fica você, ficamos nós vendo o tempo passar.

**ACORDA, BRASIL! PRECISAMOS
CUIDAR DA VIDA QUE TEMOS!!!**



Isso sim

Essa coisa aflita que toma o peito,
Sem jeito, sem forma, sem cor, sem sentido.
Não explico, não replico, sinto dor,
Apenas sinto que sinto.

Não há calma, nem alma, sem força,
Apenas caos, confusão e insanidade.
Será a loucura, insanidade, inverdade?
Será o fim do caminho, pedaço de ninho?
Será o poço no fundo, o percurso sozinho?
O que será, que será?

Vou plagiando
Os versos dos poetas, as estrofes das músicas.
Deus do Céu, que infâmia, caluniando a mim?
Eu, retrato opaco de tela esquecida na parede,
Retrato desgastado pelo tempo, que faz lembrar o tempo?

Não, não, são versos de todos, pedaços de caminhos,
São ninhos furados e pássaros à solta,
São fragmentos de mim que sopram ao vento,
Memórias esquecidas, outras tantas lembradas,
Nessa aflição sem nome, nessa terra sem lei,
nesse corpo decaído pelo tempo,
Nesse intelecto cansado, nesse coração endurecido,
Nesta busca constante de sentido, busco sentido.

Numa pressa instigante, ofegante e aflita,
Vou indo, vou indo, vou indo... sem saber para onde.

Morte certa e (in)reversa, isso sim, isso sim.
Fim do caminho, começo de novo e sigo, enfim!

Março, 2016



*Eu, nos
paradoxos
em re-versos*

Tudo
que sinto
se escreve
diferente
quando é
verdade.
♡



memórias

tempos

trajetórias

reinventar

Há beleza
no que não
se entende
de imediato.
♡

Não sou perfeita

Não há sombras no que te digo,
verdades obscuras ou subsumidas,
palavras maquiadas e maquiavélicas.
Apenas palavras toscas, em permanência,
assombradas pelo medo,
entortadas pela gramática.

Com erros de colocação,
faltam sentidos articulados
em composições densas, irracionais.

Reafirmo: minhas palavras são literais,
dizem o que quero dizer, gritam o nó na garganta.
Embora salientes e entre dentes, por vezes felinas,
por vezes generosas e acolhedoras, que tanto te encantam,
são elas que me representam,
assentam-me como figura,
personagem, pessoa, performance — que importa?

São minhas palavras que dizem de mim,
a mim e a ti, o errado de uma vida,
errática e enfadada, manifesta em um só vocábulo.

Em dois, talvez, pois eu sou ela com toda a (in)verdade.



Retalhos de si

Corte e recorte
essa dor-agonia,
barriga vazia, braços vazios.

Travessia, travessia.

Faça arte, parte, estampe,
soberba-fantasia.

Hoje, travessia, travessia.

Sangra a noite,
prados em luto,
forjada alegoria.

Conte teus passos,
feras contidas.

Amanhã, quem sabe?

Espera-esperança,
dor-sabedoria.

Passageira travessia.
“E a vida, o que é meu/
minha irmão/irmã?”

Dezembro, 2022



Assim, sim...

Assim, **SIM**, pela vida que corre,
alcanço o abraço no vácuo.
Como vento, invento o movimento;
como deusa, atrapalho o caos.
Com olhos grandes, avanço no tempo;
com a boca amarga, degusto o calor.

Assim, **SIM**, pelo tempo de espera,
só a utopia enfada.
Em trovoada assombrosa,
verto o som, verto o sentimento.
Nem dói o ódio, nem acalenta o amor.
De coisas esquecidas, sapeco a estrada,
como mulher emburrada-acelerada.

Digo **SIM**, fecho a boca,
calada, silenciada e andante.
Na cepa do mundo, sigo **SIM**.
A vida que segue fornece, em si,
encabulada, queimo serena
o arquivo-memória da vida que passa.

Embrulho o **NÃO**, digo **SIM**,
a você, a si e a quem mais sentir.

SIM!!!



Pau de bambu

Enverguei-me na vida como pau de bambu,
desse jeito sem jeito certo, curvei-me à minha dor,
enrijecida de saber de mim e de Margarida –
outra, eu preterida.

Mas figurei-me na figura, se sim, se eu flexível fosse,
se leve seguisse ao movimento do vento,
de outro jeito, conforme o feito social exigido.

Pois sim senhor e senhora, sou assombro,
fomento a lida
Como pau de bambu sacolejando,
Já envergada na vida.

Digo sim, fico sim nesse tempo,
apreciando os verdes campos da história,
assim como Maria – meu nome -,
Maria de tantas Marias.

Maio, 2026



Ambivalências

Sombras e luzes:

teu bem e teu mal,

meu bem e meu mal.

Teus erros, compreendo-os:

parte de ti,

hábito,

vício,

herança,

escolha,

irremediável expiação

pelo que não és, nem foste, nem serás.

Luzes, vejo-as em ti.

Teus acertos, compreendo-os:

essência de si,

virtuosidade,

legado,

irrepreensível condição

de tua humanidade,

pelo que ainda não és, mas poderás ser.

Conecto tuas sombras e tuas luzes.

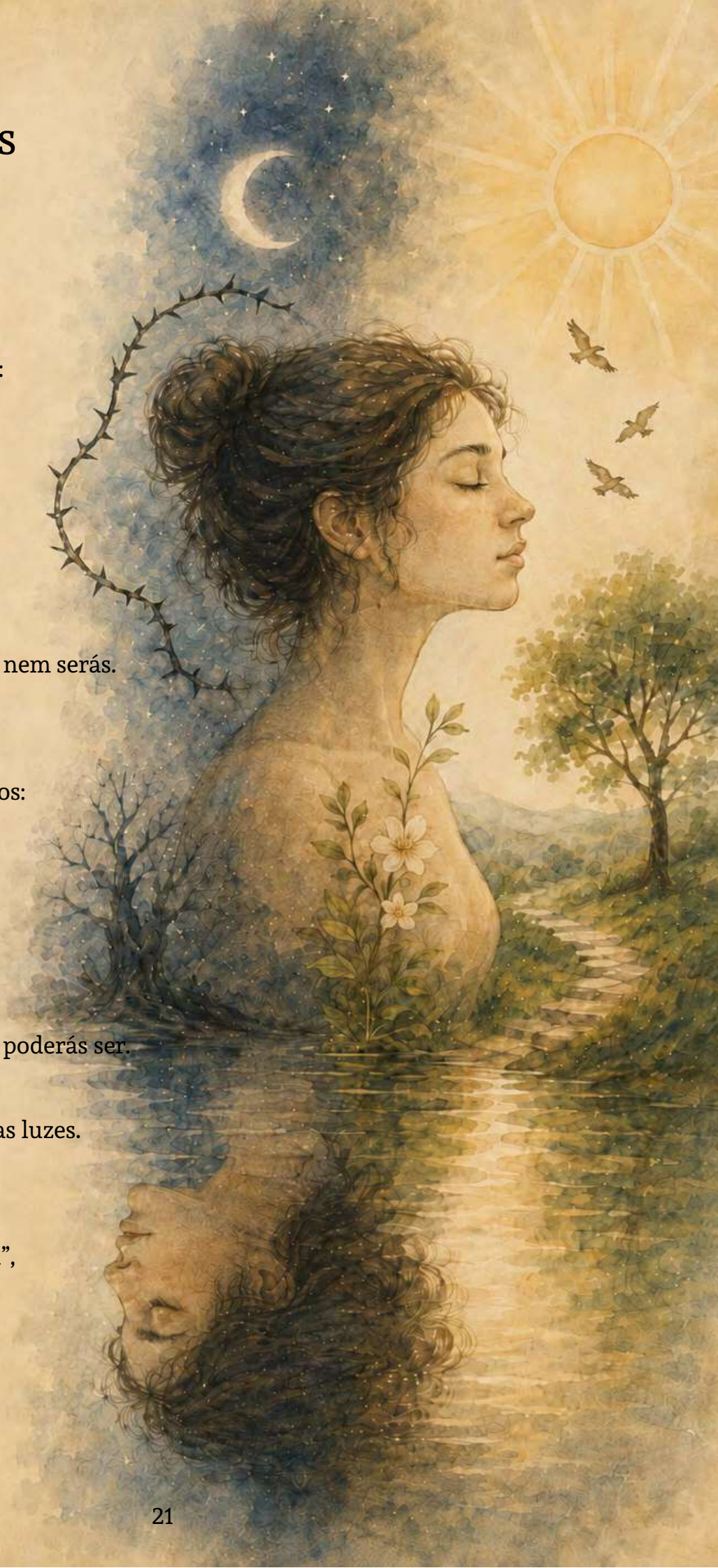
Sou “eu” em “ti”,

nem boa, nem má,

“demasiadamente humana”,

nem lá nem cá.

Novembro, 2020





*Na garganta,
o grito contido,
sangra...*

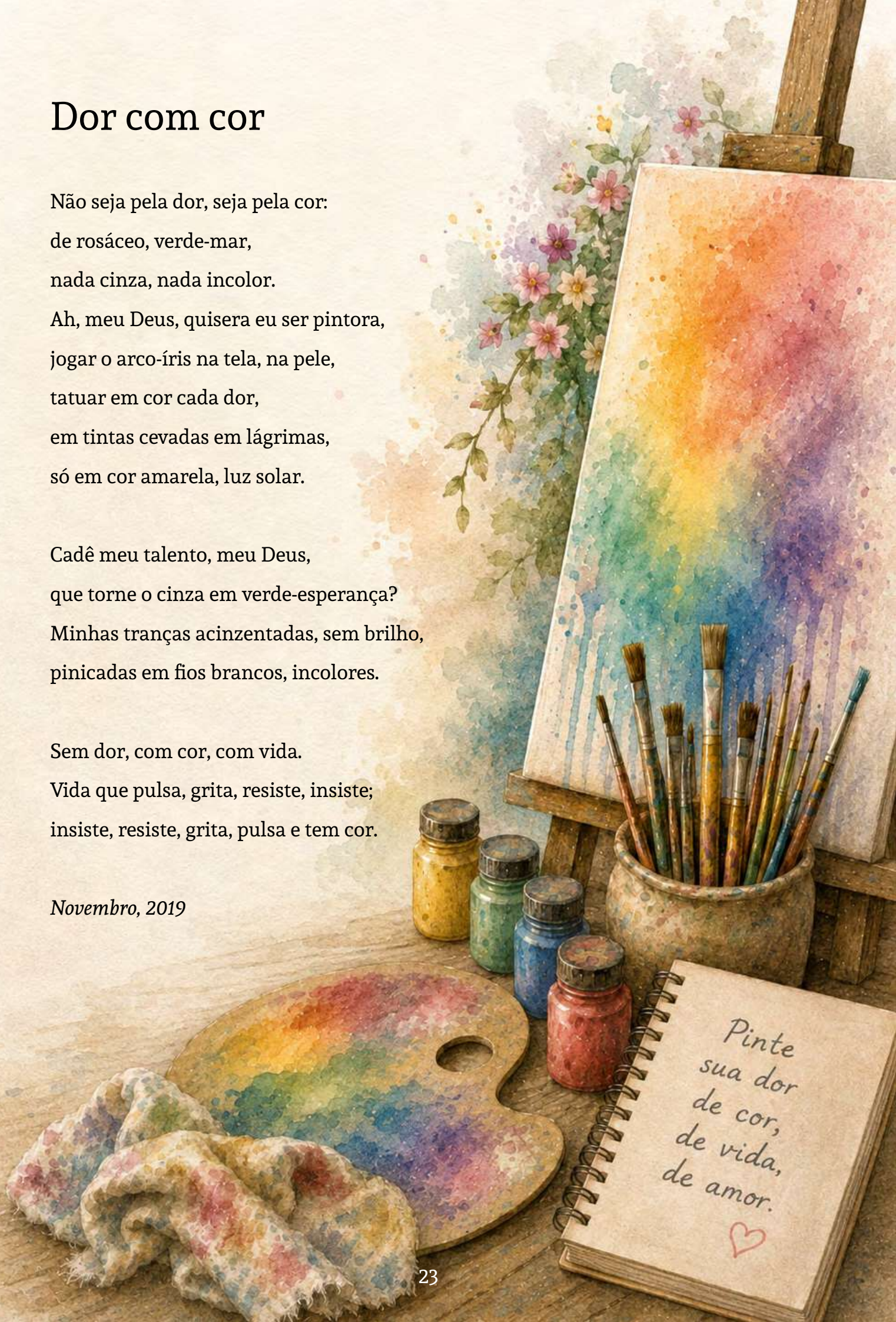
Dor com cor

Não seja pela dor, seja pela cor:
de rosáceo, verde-mar,
nada cinza, nada incolor.
Ah, meu Deus, quisera eu ser pintora,
jogar o arco-íris na tela, na pele,
tatuvar em cor cada dor,
em tintas cevadas em lágrimas,
só em cor amarela, luz solar.

Cadê meu talento, meu Deus,
que torne o cinza em verde-esperança?
Minhas tranças acinzentadas, sem brilho,
pinicadas em fios brancos, incolores.

Sem dor, com cor, com vida.
Vida que pulsa, grita, resiste, insiste;
insiste, resiste, grita, pulsa e tem cor.

Novembro, 2019



Tanta dor

Uma pitada de pimenta no olho,
um grito ardido no ar,
o choro contido na garganta.
Silêncio, silêncio, silêncio!

Deus meu,
o que queres de tuas crias?

Afago o gato ao lado,
estico o olhar para o céu sombrio.
Não há culpa, nem há pecado.

O olho ardido
seca sua lágrima.

Agosto, 2021



Grito entalado

O grito solto entala.
A vida segue, mais um dia,
assim tão leve como ferro,
tão pesada como pena.
Sinto dó, profunda dó.
Meu Deus, para onde vamos?

A pandemia persiste,
a fome cresce,
as narrativas políticas inflamam,
a vida insiste e segue.
Para onde? Para onde?

Junho, 2021



Frio na espinha...

Medo, tanto medo, que afunda a dor.
Tempos hediondos de eterna espera,
cuidando de si, no canto do mundo,
sem Maria, sem José, sem Raimundo.

Assim, de olho na janela...
Vidraça embaçada: são lágrimas?
Orvalho da noite?
Triste sina de Maria, de José e de si.
Sina, sinaliza um caminho, uma direção?
Para onde, meu Deus? Para onde, meu Deus?

Perco-me diante da tela.
Notícias impactantes, distantes de mim,
tão perto de mim que assombram, apavoram.

Desligo a TV, desligo-me em oração.
Refugio-me no âmago da alma.

Já calma, espero, volto a esperar.
De olho na janela, de olho no tempo,
insiste ELE em não passar..

Março, 2021



Confesso-te

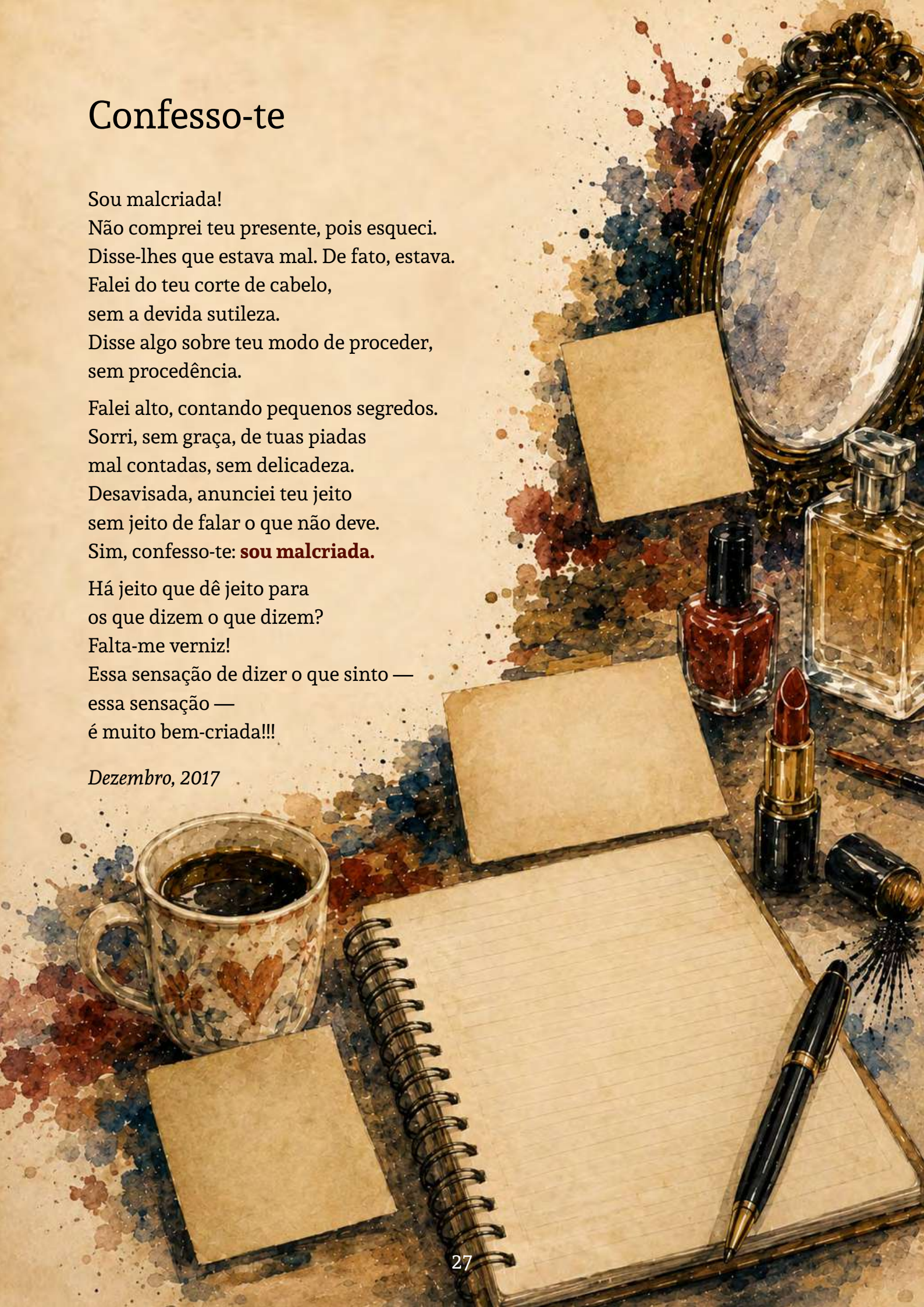
Sou malcriada!

Não comprei teu presente, pois esqueci.
Disse-lhes que estava mal. De fato, estava.
Falei do teu corte de cabelo,
sem a devida sutileza.
Disse algo sobre teu modo de proceder,
sem procedência.

Falei alto, contando pequenos segredos.
Sorri, sem graça, de tuas piadas
mal contadas, sem delicadeza.
Desavisada, anunciei teu jeito
sem jeito de falar o que não deve.
Sim, confesso-te: **sou malcriada.**

Há jeito que dê jeito para
os que dizem o que dizem?
Falta-me verniz!
Essa sensação de dizer o que sinto —
essa sensação —
é muito bem-criada!!!

Dezembro, 2017



Movimento

Desafivelei você do meu cinto,
abraçei o vento e viajei.
Para onde estou indo?
Grito para Deus:
só o silêncio ouço falar.
Pergunto-me: será que enlouqueci?

Expurgo-me, cintilante como seda,
quase seda pura...
Asseguro-me, desconfiada, de viver a vida,
sem os porões das intrigas palacianas,
sem as marcas da contenção.
Desfruto do pecado-sagrado;
em resiliência, insisto no perdão.

Grito e silêncio no silêncio mudo.
Ouço a voz do Divino e suspiro...

O som estridente da fivela do cinto
aperta o que sinto até a exaustão,
apeando-me em minha singela beleza.
O brilho da seda desliza sob a pele,
em um sensual abraço de consolação.

Afivelo-me a você com sofreguidão.
Em sensual abraço de consolação,
Afivelo-me a você com sofreguidão.
A você vida em ação – MOVIMENTO.

Abril, 2021



Um Tributo

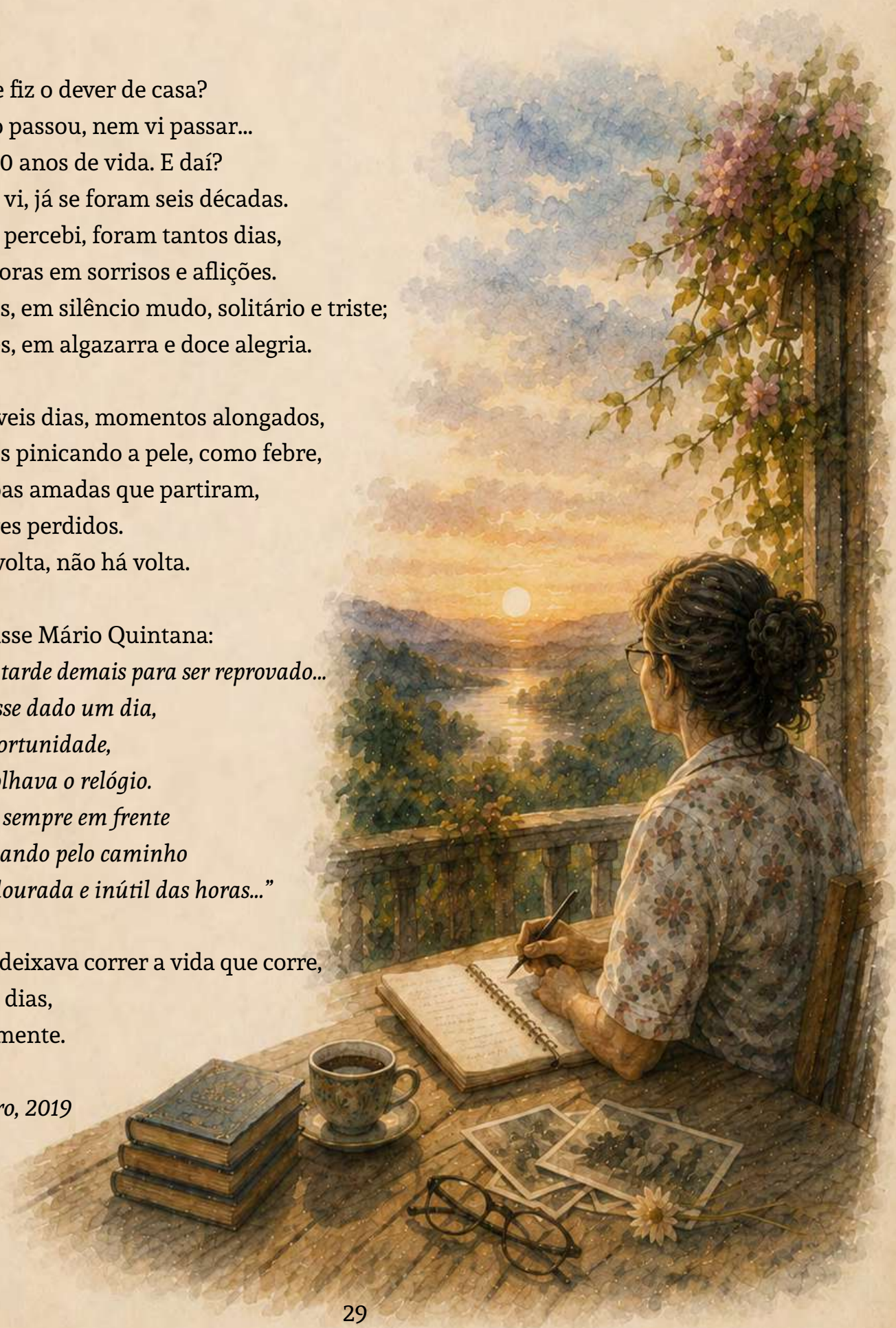
Será que fiz o dever de casa?
O tempo passou, nem vi passar...
Foram 60 anos de vida. E daí?
Quando vi, já se foram seis décadas.
Quando percebi, foram tantos dias,
tantas horas em sorrisos e aflições.
Por vezes, em silêncio mudo, solitário e triste;
por vezes, em algazarra e doce alegria.

Incontáveis dias, momentos alongados,
saudades pinicando a pele, como febre,
de pessoas amadas que partiram,
de amores perdidos.
Não há volta, não há volta.

Como disse Mário Quintana:
*“Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia,
outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente
e iria jogando pelo caminho
a casca dourada e inútil das horas...”*

E assim deixava correr a vida que corre,
todos os dias,
simplesmente.

Novembro, 2019



Um toque... toc, toc

Quebra o silêncio, meu grito.
Meu Deus, seu eco ecoa muito longe...
Findo quieta, sentada na relva,
sabida danada, velha acanhada, em silêncio.

Assopro meu pensamento. Ele voa,
como se fosse força e feno.
Assumo o ato; no teatro, faço cena.
Inóspito cenário, divago serena.

Faço presença, sou pertencimento.
Embora teatro, a vida se cumpre.
Embora vida, no teatro a vida se encena.

Real? Imaginária? Será que importa?
Vida inventada, vida seguida, apenas.



*O eco
nordestino,
na veia...*

Melancolia dinâmica

Arreta-se João Arranhento
descalçando sua ira
no repuxo da sanfona.

Liga sua vitrola
sacoleja o corpo.
cantarola seus versos.

Versos (des)conexos
esfatia as palavras
como se rimas fossem,
como se a poesia estalasse.

Ruido enfadado
na sanfona mal tocada,
na viola empoeirada.
em tempos de solidão.

Nem honra, nem glória
nem riso, nem sizo.

João arranha a vitrola,
rodopiando o tempo
arrabujando o chão.

Des(conversas) incertas,
arrimadas pelo coração
pulsante, ativo, agora.

Enforca o tempo
no tempo de arrumação.

Arranha o capacho,
arranha o superior,
arranha a si mesmo.

João Arranhento, sem chão.

Lá vai o Sr. Arranhento,
pé sujo na terra,
esfregando seu suor.

Amortece seu tempo,
socando suas rimas
em versos sem imitação.

Tolice? Patetice?
invencionice?

Segue agora, Sr. João.
Gritando: não, a solidão.

Janeiro, 2025



Canta galo

Canta, galo falador,
uma cantiga cheia de fel.
Não diz coisa com coisa.
Cala-te, por favor!

Destemidos e desnutridos,
a fome oculta ocupa a lida.
Ser brasileiro falador...
Canta, galo! SIM, SENHOR!

Canta o canto da cotia,
da inverdade tardia,
da sede em plena enchente.
Desce pela garganta, ácido quente.
Ufa, ufa, camarada, de noite e de dia.

Canta o galo falador,
fazeDOR de coisas ditas,
ditas todas atravessadas, como amor,
virando Roma, Roma virando teatro.

É o galo cantador,
meu BRASIL apequenado.
No palco do poder, o falador encantado
fala alto, grita alto...
Mas o que diz?
Diz coisa sem coisa,
Roma sem amor.

No teatro brasileiro,
só canta o galo cantador.

Fevereiro, 2020



Noite sombria de São João

Indiferente, olho o céu cintilante,
que rasga meu silêncio sentido
com fogos de artifício pipocantes.

Quase em profunda compulsão,
volto-me para histórias dos antepassados,
histórias de vida de gente como eu,
de gente que sente e mente,
de gente que sente e grita,
de gente que sente e cala,
de gente que sente e fala.

Parte de mim se resvala,
parte de mim é revelada
nessas tantas histórias de vida.

Faço meu café com leite,
espalho manteiga no pão,
desvio meu olhar para a cadela,
jogo-lhe um pedaço de queijo.
Ela come com sofreguidão.

Esparramo-me na rede da varanda,
olho de novo o céu chamuscado
pelos fogos de artifício soltados
numa profusão de chamas
que aquece minha alma contida,
que sente e escreve somente:

Gente, estou viva, estou viva!
Quem sabe? Quem sente?

Junho, 2024



“O que é a vida meu irmão?”

Casualidades vivenciais,
no caos de uma estação,
arranjo predeterminado
Em cenários de contraversão?
É “alegria e tormento”,
Lamento dos ocorridos,
de chuva que cai e derrapa,
em solo contundido?
Frenesi de viagens,
Avizinha desconhecidos,
Marca as diferenças,
Em tempos sóbrios?

Viver é deixar as dores ao acaso,
Perverso sentido de existir,
Em espargos gemidos,
Sentir, sentir e sentir.
Escritos de Deus no mapa: aurido.

Crianças mimadas ou soberbos adultos,
Verdades absolutas e mentiras cabeçadas,
Isso é viver meu irmão?

Com um rifle e flor,
Varamos a madrugada em doses duplas,
De vinho, licor e café,
Solapando toda a sofrência,
Com piadas de má fé.

Memórias dos sorrisos,
Em selfs caprichadas,
Esfregamos a face na tela
Assim, apartada da vida:
“Viver e deixar a vergonha de lado”.
“Diga lá meu irmão:
“A vida é bonita, é bonita e é bonita”.
“Ela é alegria ou lamento”
Isso é viver, guardo
na memória, Gonzaguinha.



Arre égua, meu irmão

Desse chão não nasce caju,
nem carrega milho são,
só pau de mandacaru.
Cabra-macho arde a terra,
fogo de monturo,
ceifando o mato,
capacho do senhor de terra
que explora o fragonte-macho.

Essa é a terra do Deus provera,
de sol amarelo-desbotado,
faz sofrer o araquá,
o cambucá,
a flor de oliva.

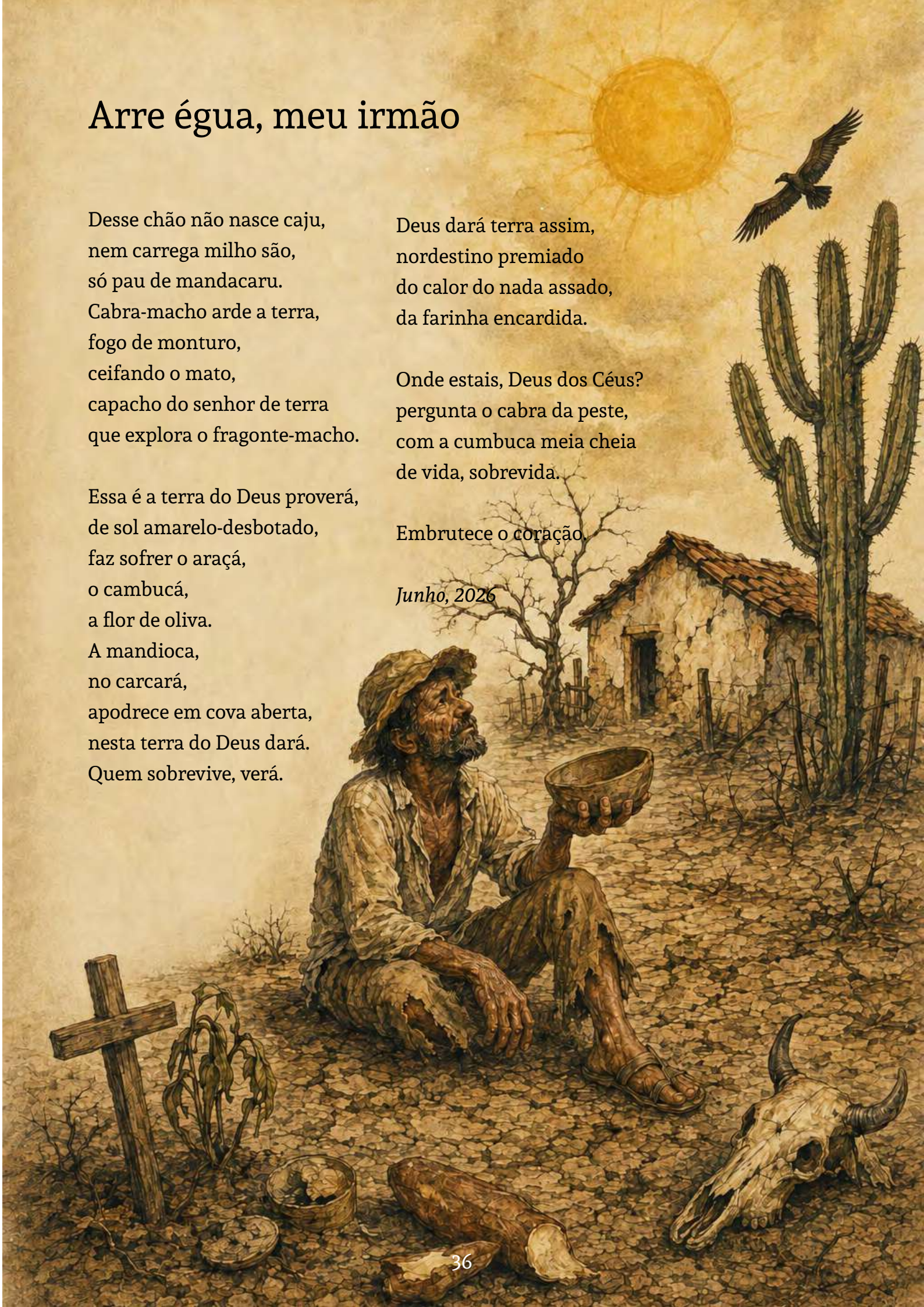
A mandioca,
no carcará,
apodrece em cova aberta,
nesta terra do Deus dará.
Quem sobrevive, verá.

Deus dará terra assim,
nordestino premiado
do calor do nada assado,
da farinha encardida.

Onde estais, Deus dos Céus?
pergunta o cabra da peste,
com a cumbuca meia cheia
de vida, sobrevida.

Embrutece o coração

Junho, 2026





*Senhora
de mim,
do meu
tempo...*

Preciso lembrar de lembrar

Esqueci...

Esqueci do esquecido.

Esqueci de lembrar do esquecimento.

Não lembro do tempo que se apaga,
nem do tempo que apagou todo o meu tempo.

Deletei atos e atos falhos.

Esmaguei, na memória, muitas histórias,
histórias do bem (e/ou do mal),
simplesmente histórias.

No alvoroço da memória esquecida,
lembrei das lembranças perdidas.

Acudi meu esquecimento.

Registrei o apagamento.

Acendi as “letras” apagadas.

Dei vida a uma nova história,
história do meu próprio esquecimento.

Rabiscos acendidos em papéis amarelados,
que o tempo — tempo que engole o tempo —
grafa na memória letrada.

Seria eu a memória apagada deste país?

Das raízes de sua criação,
das marcas fulgurantes da escravidão,
das veias coronelísticas da exploração,
da exaltação do “jeitinho” que dá jeito,
da vergonha do machismo demolidor,
do senso de aventuras inconsequentes,
da ditadura espoliadora recente,
de gente que esquece de ser gente?

Meu Deus, que lembrança futura será legada?

É preciso acender a história...

Torná-la construção, sempre falada,
registrada, focada e revisitada.

Preciso lembrar de não esquecer!!!

Julho, 2019



Para os ativos e os inativos

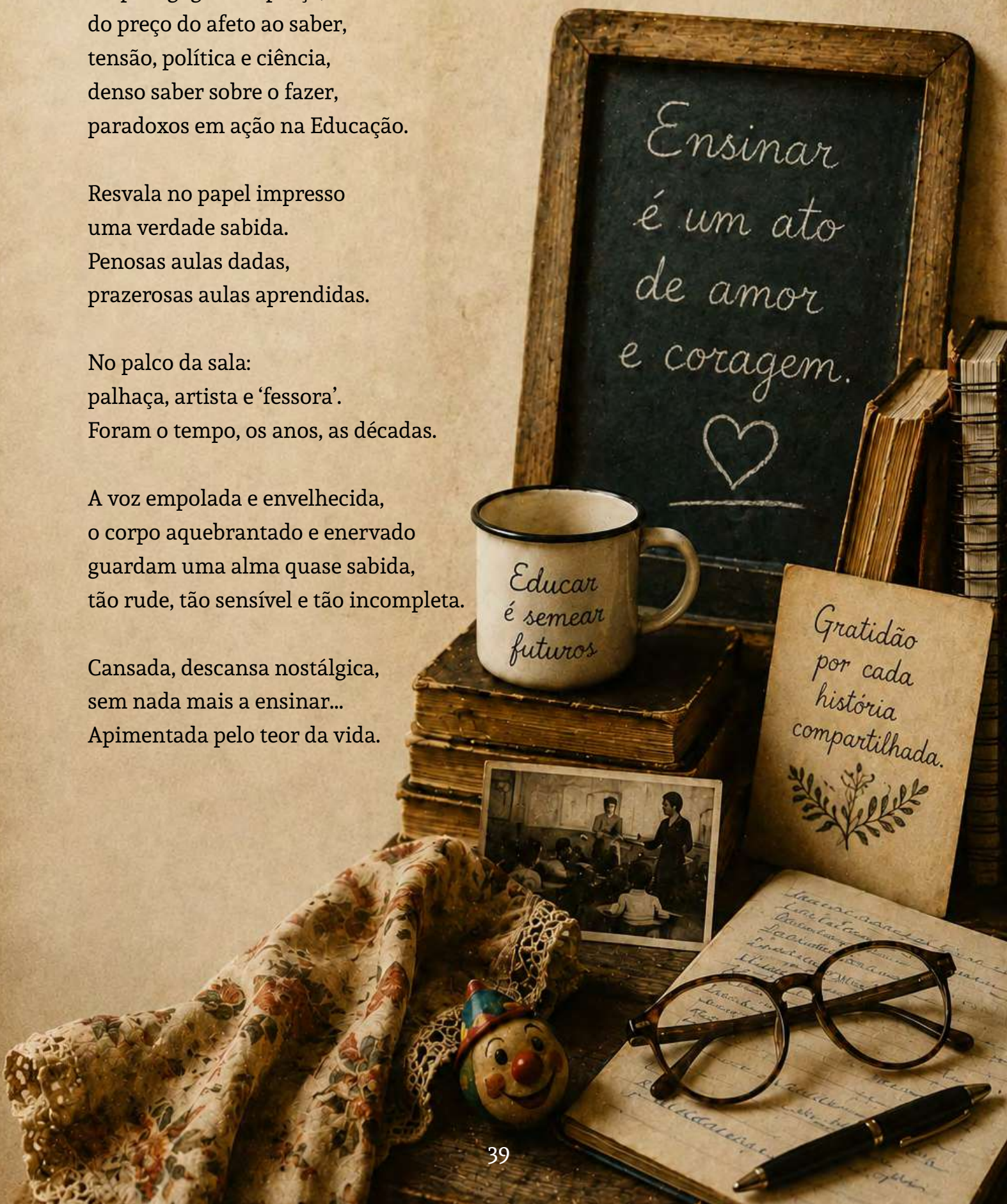
Na pedagogia do apreço,
do preço do afeto ao saber,
tensão, política e ciência,
denso saber sobre o fazer,
paradoxos em ação na Educação.

Resvala no papel impresso
uma verdade sabida.
Penas aulas dadas,
prazerosas aulas aprendidas.

No palco da sala:
palhaça, artista e 'fessora'.
Foram o tempo, os anos, as décadas.

A voz empolada e envelhecida,
o corpo aquebrantado e enervado
guardam uma alma quase sabida,
tão rude, tão sensível e tão incompleta.

Cansada, descansa nostálgica,
sem nada mais a ensinar...
Apimentada pelo teor da vida.



Professora “inativa”

Sensação estranha de perder um lugar,
de não ser mais daquele lugar.

(Des)ligo-me.

Não sou pertencimento,
relação, nexo, nem entendimento.

Sou agora arquivo, fragmento da memória,
recordação e esquecimento.

Que lugar ocupava?
Que sentidos produzia?

Dizem:
“Ês dona do teu tempo!”

Digo-lhes:
“O tempo é sem pertencimento.”

O tempo é só tempo — um tic-tac, um tic-tac.
Um intervalo, uma passagem, um vislumbre,
fugaz alegria, uma ficção.

Ah, o tempo, que me arquiva,
pulsa na memória tantas alegorias!

Sinceras alegrias
(como se alegrias pudessem ser falsas),
como se alegrias pudessem ser pluralizadas.

Sou agora de outro tempo:
a mulher com tempo!!!

Fevereiro, 2029



Ainda não estou de saída...

Envelheço em meus anos dourados,
brilhos de neon e maciez de cetim.
Já não me importo com a porta que se fecha.
Já não corro contra o tempo,
nem sinto tanto a pimenta ardida.
O silêncio é pura música, magia.

Sou andarilha do meu tempo,
no tempero final da história.
Sou história e conto o conto,
declamo um verso; no toque,
um cafuné acalma minha alma.

No corpo cansado, as dores gritam;
na alma desperta, a vida pulula.

Vou assim, ensaiando uma despedida,
na incerteza da certeza da ida.
Sinto uma profunda calma,
regateio, ainda, um tempo de vida.

Novembro, 2019



Em 2008

Perguntava-me:

Como será a reforma agrária no ciberespaço?

Que pedaço do cosmo caberá a cada um de nós?

A fome virtualizada será fome?

A fome será apenas o desejo de comer?

A violência será resolvida nas disputas em games?

O amor será imagem e reflexo, nunca toque e atrito?

A FORMA-AÇÃO será informação?

O tempo zero do não-lugar: qual o sentido?

O imaterial, o intangível, o inexistente
estarão apreendidos em imagens?

De verdade, a verdade será uma versão
mal contada de si mesma?

Sei lá...

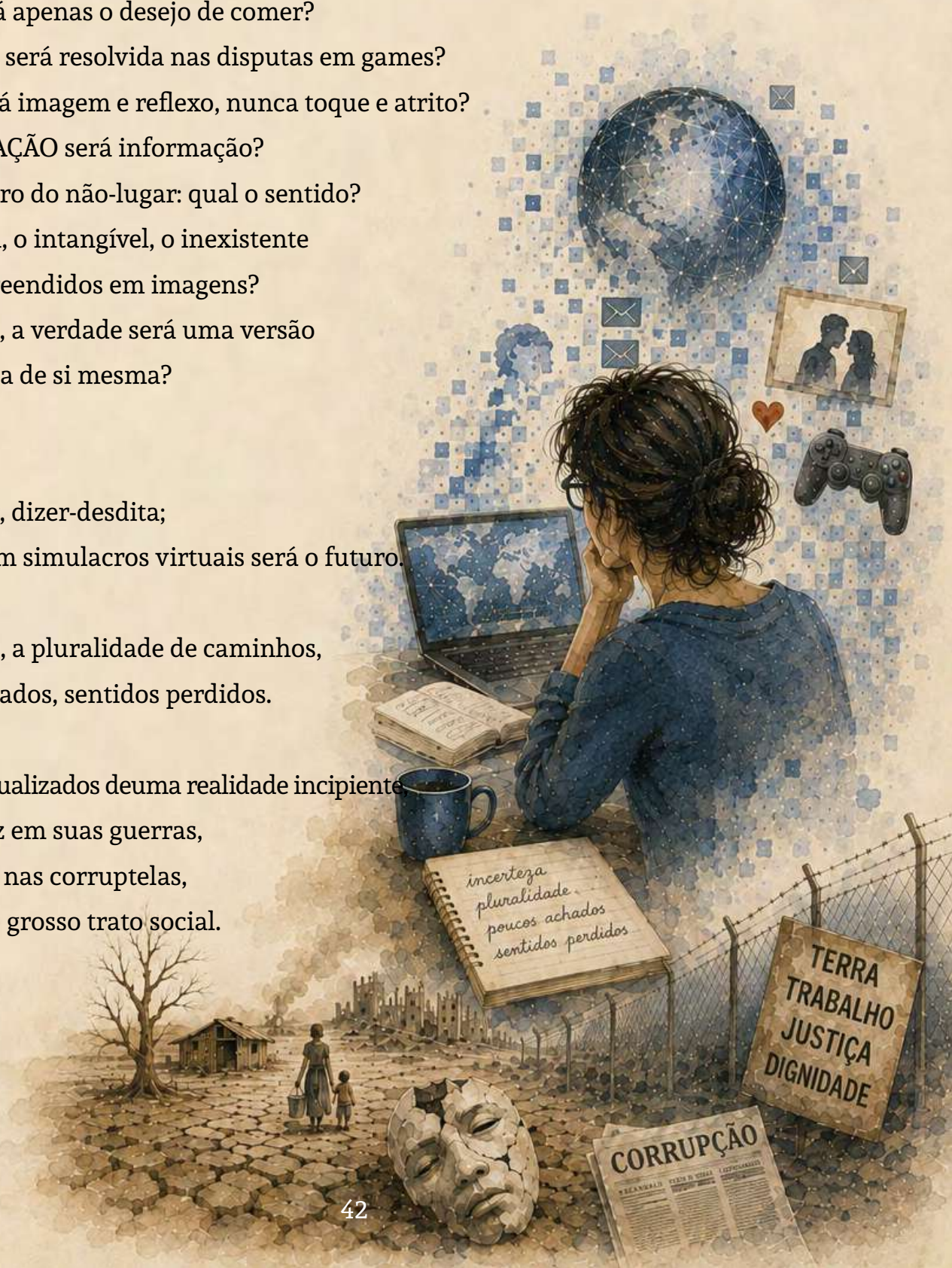
Ser-não ser, dizer-desdita;

afagar-se em simulacros virtuais será o futuro.

A incerteza, a pluralidade de caminhos,
poucos achados, sentidos perdidos.

Sonhos virtualizados de uma realidade incipiente
fugaz, atroz em suas guerras,
persistente nas corruptelas,
violenta no grosso trato social.

Abril, 2008



“A morte sou eu”

Sou filha do acaso,
da impertinência divina,
do desaviso do destino,
do desacerto da genética?
O que me explica?

Esse sentido sem sentido,
da dor irreparável,
da certeza tão incerta,
pura inércia?

Essa falta de potência,
de luz, de aconchego,
esse desassossego...
Essa “deprê” inglória?

Esse enfado, ao acaso,
de uma vida?
Vida? Que vida?
“Vida que vem e que vai...”

Embaixo da garoa,
dançando sem ritmo,
ao som do silêncio.
No fim, só o fim.
É morte
Sorte?

Nobre ou plebeu
quem nos convida?
Dou vivas.
Estou viva.
Que vida?

Sabedoria popular:
“A morte sou eu.”

Janeiro, 2028

*Vida
que vem
e que vai ...*

*Dou vivas.
Estou viva.
Que vida?*



*Esse
desassossego...
Essa
“depre”
inglória?*

*Sabedoria popular:
“A morte sou eu.”*





*Da janela,
enquadro
um quadro,
avisto o
mundo...*

Da janela

Arranho a pele seca, envelhecida.
Numa lástima doída, olho pela janela.
Dela, enquadro o mundo no quadrado.
Sigo quieta para o quarto, aguardo.
Festejo o dia por mais um dia,
lastimo o dia, compadecida de mim.
O tempo se apressa e rápido passa;
depois, lento, o dia não vence,
a noite não chega, nem o amanhã.
Vai ser assim, assim mesmo?
Todo dia é dia? Mais um dia? Outro dia?
Volto à janela. Respinga a chuva.
O sol escondido, meu olhar perde-se vazio,
vagando o vácuo no campo minado,
nesse acampamento de férias forçadas.

Do quarto para a janela,
da janela para o fogão.
No bafo do tempo, esqueço o intento.
No tempo abafado, suspiro silenciosa.
Folgada cantoria enche o espaço.
Os pássaros insistem, as flores resistem.
Retorno à janela e vejo que vejo.
Perdão! O que realmente vejo???

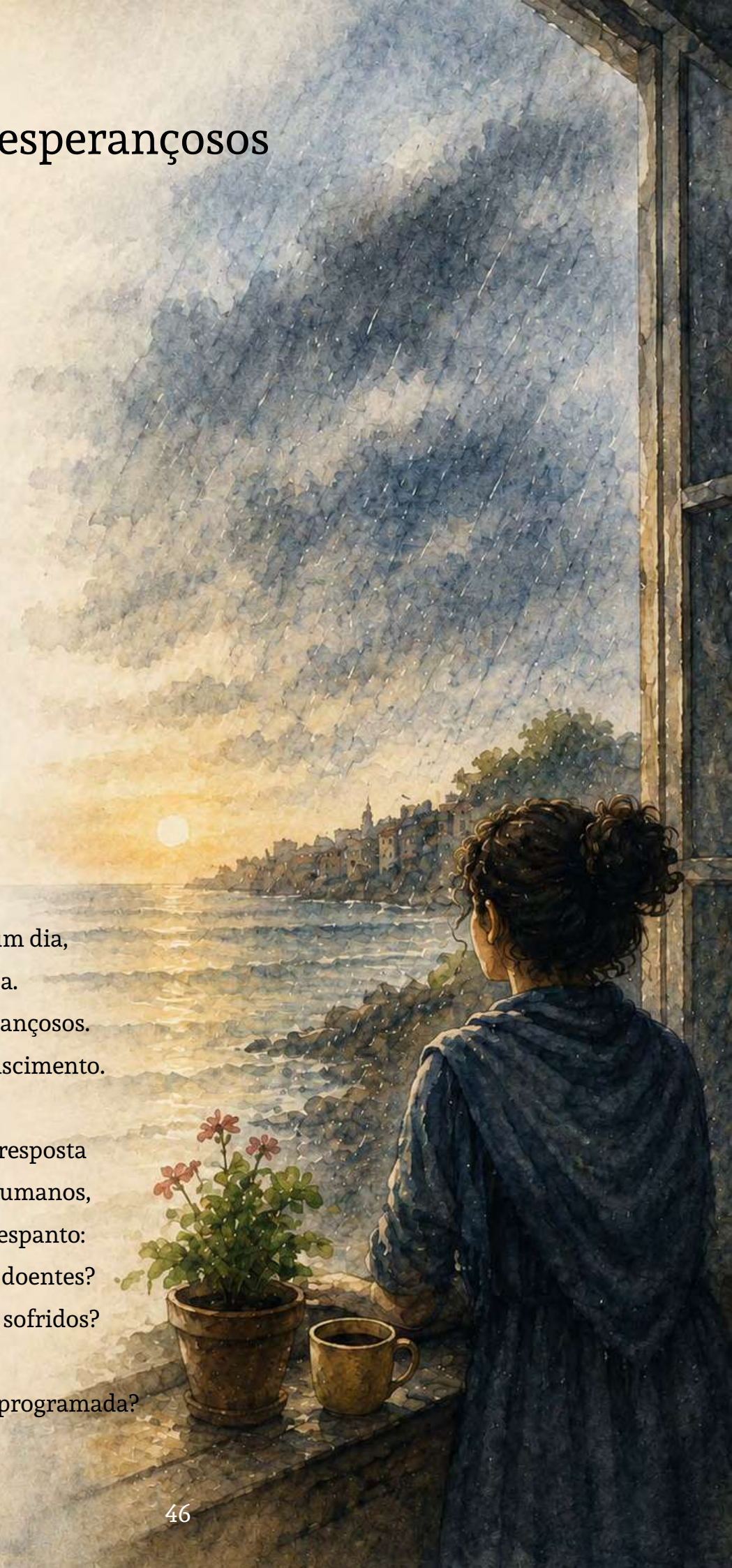


À espera dos esperançosos

O sol nasce,
a noite chega,
o dia volta,
agora com chuva,
Outro dia,
sem ousadia,
sem carestia,
sem correria,
sem alegria.
Apenas outro dia!

Quem vive hoje
viverá amanhã?
Quem sonha hoje
realizará amanhã?
Tantas incertezas.
Sem destreza, vivo mais um dia,
ansiosa, crédula/incrédula.
Espero a espera dos esperançosos.
Espero o declínio e o renascimento.

Espero aqui, quieta, uma resposta
de Deus, da ciência, dos humanos,
à pergunta que faço com espanto:
E os fracos, os idosos e os doentes?
E os mais pobres, os mais sofridos?
Partiram antes do tempo
ou já tinham sua viagem programada?
Quisera eu saber...



Pandemia

“Faça a sua parte.”

“Cada vida importa.”

Feche sua porta,
ande devagar.

Já não tenha pressa,
nem corra atrás do tempo.

Importe-se com o outro,
cuide de si.

Preste atenção!
A pandemia está
à nossa porta.



Na madrugada

Que sentimento é esse, que sacode minha alma,
desassossega meus dias e me deixa tão triste?
Seria minha impotência diante de teus atos?
Que sentimento é esse que me absorve,
distancia e emudece?
Não há mais palavras, nem gritos.
As lágrimas secaram, sumiram os risos.
Nada ficou...

Petrificada, espero.
Nem sei o que espero.
Será que espero algo?
Seria desistência o que sinto?
Impotente, imponente, sigo um dia atrás do outro,
murada em minha própria prisão, sem jeito a dar.
Que jeito posso dar?
Há jeito que possa dar?

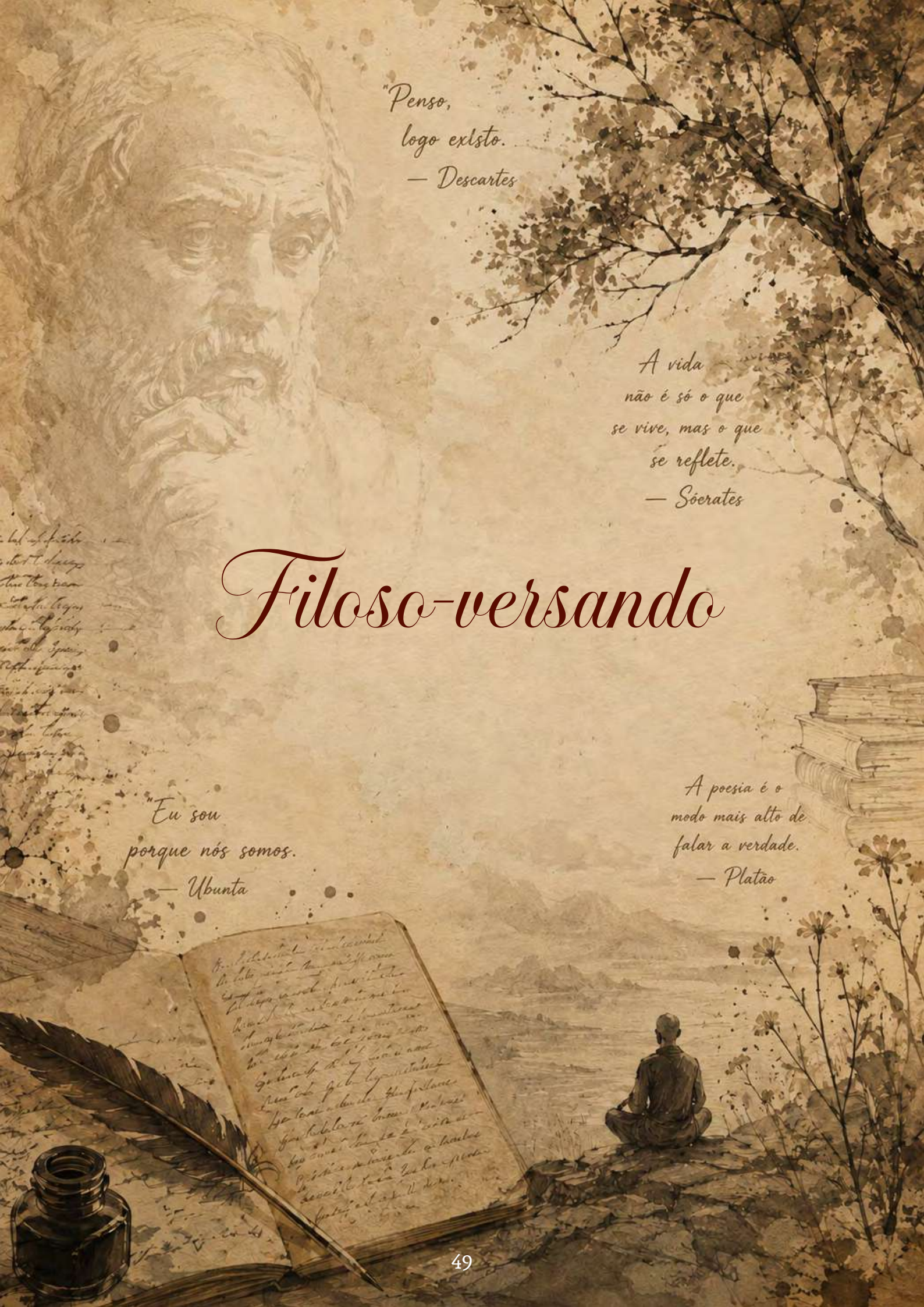
Enervada nessa trajetória,
sinto vontade de reinventar.
Recomeçar, penso.
Haverá tempo?

O tempo roeu o tempo.
O tempo passou.
O tempo não volta...
Será possível reinventar o tempo?
Fazer diferente o feito?
O feito não pode ser refeito?
Não sei, não sei...

Que sentimento é esse,
que leva meu sono...?

Fevereiro, 2019





*"Penso,
logo existo.
— Descartes*

*A vida
não é só o que
se vive, mas o que
se reflete.
— Sócrates*

Filoso-versando

*"Eu sou
porque nós somos.
— Ubuntu*

*A poesia é o
modo mais alto de
falar a verdade.
— Platão*

Quisera saber....

O sol nasce,
A noite chega,
O dia volta,
Agora com chuva,
Outro dia,
Sem ousadia,
Sem carestia,
Sem correria,
Sem alegria,
Apenas outro dia!

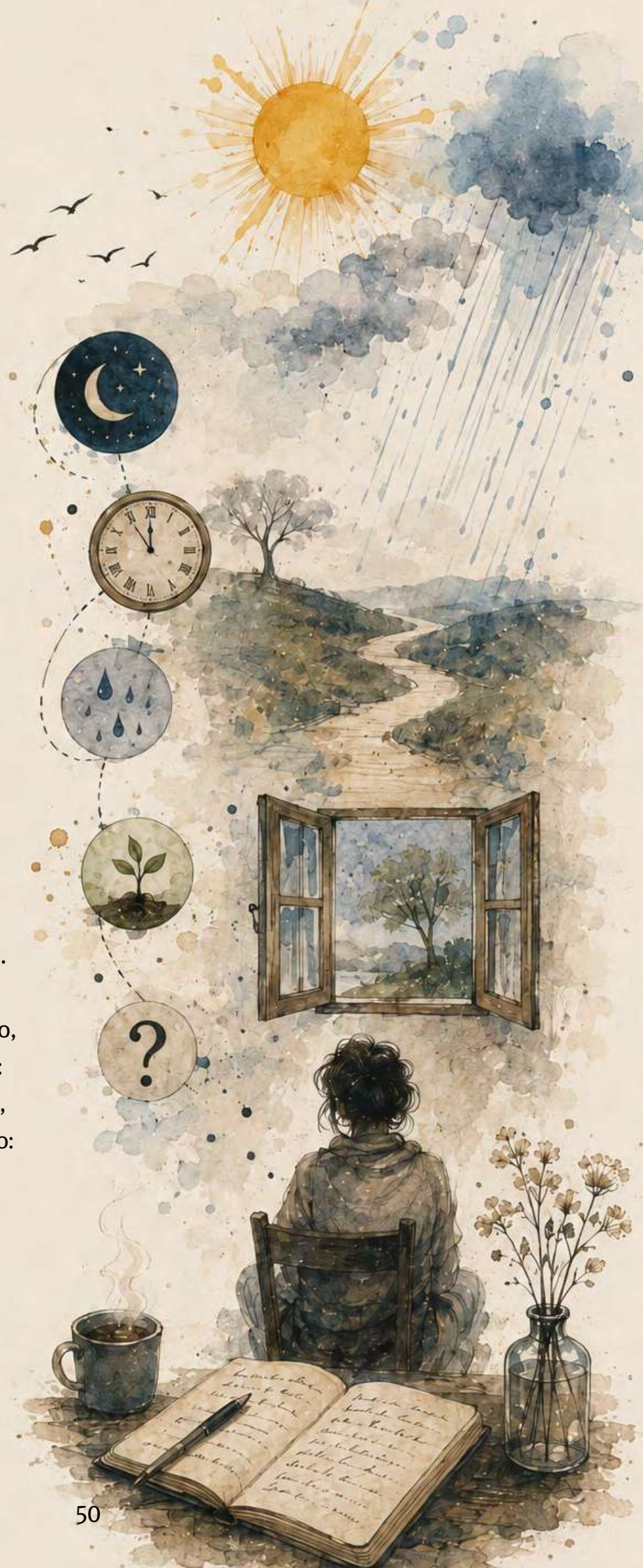
Quem vive hoje,
Viverá amanhã?
Quem sonha hoje,
Realizará amanhã?

Tantas incertezas,
Sem destreza, vivo outro dia,
Ansiosa, crédula ou incrédula,
Espero, à espera dos esperançosos.

Espero o declínio e o renascimento,
Espero aqui, quieta, uma resposta:
De Deus, da ciência, dos humanos,
Da pergunta que faço com espanto:
Dos fracos, idosos e doentes,
Dos mais pobres e mais sofridos,
Em partida antecipada,
Ou têm sua viagem programada?

Quisera eu saber!

Um dia qualquer do mês de março



Fake news

Impropérios, dizem as palavras.
Sacolejam os nobres do túmulo — arruda com alho.
Atrapalham o sono dos anjos — ave-maria!
Pavio curto, agem como espoletas;
certo gatilho, atiram ao ermo.
Em quem acertam? Nem Deus sabe.

Sábias palavras, escavadas dos dicionários;
verbetes, sabonetes molhados, tanto faz.
Mentiras e verdades...
Ufa, ufa, camarada!
É a imprensa atrapalhada, entre os fatos e os ditos...
Com palavras inapropriadas, ganham forma,
dizem o que dizem.

Fico calada,
absorta, crédula, abobalhada,
ensandecida, zangada, entristecida.
Pergunto: Contaram-me mais uma piada?
Por que não dou uma gargalhada?
Ah! Ah! São fake news, dizem.
Fake news é a grande sacada.

Na rede, vou desdobrando,
compartilho, comento, faço curtição.
Seria enfado da vida moderna?
Sem querela, sem contrários?
Assim, troco alho por bugalho.
Sigo cega e surda, a cada versão.

Março, 2020



Eu e a IA

Foi assim, no encanto e no assombro,
que usei você, IA.
Obedece-me, que é uma beleza;
parece até que pensa como penso.
Ou já penso como tu queres que eu pense...
Que importa?

Em tua janela, vasculho o mundo.
Não vou ao fundo,
nem transbordo na imensidão de teus
conhecimentos,
nem dispenso tua sabedoria,
feita de tantos outros que pensaram por ti.
Agora, penso que é meu o teu pensamento.
Plágio?
Cópia?
Usurpação?
Reciclagem?
Bricolagem?

Há quem se aflija pela ética perdida,
pela criatividade mutilada,
pela autoria descompromissada,
pela verdade subsumida.

Mas eu,
que me reinvento contigo,
dito-te IA:
apoio-me no teu feitio-algoritmo.
Esqueço os malfeitos de meus prompts,

faço pedidos, sempre pronta;
e, de qualquer forma,
na pressa danada,
tu me atendes.

Devo desprezar você, IA?
Por que pensa por mim?
Por que cria para mim?
Dizem:
falta ética.
Talvez sim.
Talvez não.
Se minha autoria se engasgar,
arroto,
disfarço
e faço dela
a minha verdade.
E é verdade que te usei com mais esse fim,
Escrever sobre você desse jeito,
Com meu jeito de ver-te
Indolor e com a cor de meu mantra.

Junho, 2026



Qual é o sentido de Deus?

Que sentido Deus atribuiu ao mundo?
Em que pensava Deus quando criou o ser humano?
A humanidade foi um lapso criativo de Deus?
Ele criou realmente o que idealizou?
Quem criou Deus, que criou o ser humano?
Que ser humano foi esse criado?
Para qual finalidade?
Alguém pode responder?
Por vezes, sinto-me completamente
impotente e sem respostas.

Abro os jornais, e o que vejo?
O enfadonho e destrutivo mundo das disputas,
a perda de sentido das lutas,
os valores e saberes desconstruídos,
o desgoverno desgovernando a nação.
Nas escolhas que fizemos, em desrazão.
Na agonia da mudança, que tragédia!
Na esperança da renovação, que retrocesso!

Não há mais expresso que volte no voto.
Não há palavra que apague a letra.
Não há ciência que explique,
nem Deus, de seu poente, indique
uma resposta que me deixe satisfeita.



É a vida

Arranjo-me de tal jeito.
Sem jeito, digo SIM
ao colossal inflamado de vozes.
Grito sem sentido com os excluídos.
Laranja azeda,
sabor salgado, com pimenta ardida.
É a vida.
Viva a vida!
Ouço “merda”,
atenta, embebecida.
Sem chão, sem penduricalhos,
experimento.
O que sou? Experimento.
Nesta trama agendada sem data,
sigo a vida, atrapalhada.
É a vida: gente boa, gente má.
É a vida, desse jeito, tão sem jeito,
dessa cor incolor,
com o saboroso sabor de mel (e fel).

Janeiro, 2020



Frouxos laços

Aninho-me no ninho dos pássaros,
no sabor saboroso da manga,
nas intempéries da vida.
Fico quase branda, porém brava.

Não há sentidos dados ao nada,
apenas reclamos, clamores,
as chagas da vida desolada.

Onde ponho minha digital?
Onde atravesso a liga que liga?
Infame e serena paragem.

Fico agora estacionada,
quieta, observadora, contida,
amarrada em laços frouxos,
nessa querela chamada vida.



Sem razão

Não há política sem vexame,
nem enxame na política,
nem urgência para a virada,
nem esperança bendita.

O direito virou torto,
a justiça, desconsolada.
Na conversa de poder,
nem “boi põe para dormir”.

Onde vamos? Onde estamos?
Qual o Norte? Qual a sorte?
Sem bússola e sem direção.
Avante, avante... “Vamos ver!”

Vejo o quê? O que vejo?
O futuro no passado perdido?

Nesse Brasil desavisado,
espero, esperas em vão...

Novembro, 2029



Imperativo

Qual o dever que me impõe a vida?
Que lei máxima e universal rege o meu vivido?
Natureza-cultura, vida-morte:
Qual imperativo tornar-se-á dever?

Perguntas abstratas, sentidos múltiplos.
Atônita estou diante do real-discurso:
Da vida que pulula nas ruas, bares e esquinas,
dos discursos que circulam no poder,
da volta (ou da re-volta) do patriarcado,
do racismo expresso e ofegante,
de falas e vozes que gritam pelo fim das diferenças,
pela volta do colonialismo extremado,
pelos queixumes da “defesa” da família.
(Que família?)
De um modelo maculado pelo tempo.

De vozes a dizer um dito:
Um “maldito” dito que havia sido exumado:
Contra os fracos, os transvestidos,
os desviados, os ditos “anormais”.
O que de “anormal” há na diferença? Pergunto-me
No jeito de ser e de viver, de crer e de amar...
Como esses velhos (renomados)
discursos me assombram...

Volto à minha pergunta abstrata:
Qual o imperativo de viver?
Fico atônita, assustada e incrédula ao ver
o discurso “odioso” e “horripilante” da homogeneidade.

Qual o imperativo do dever ser
Só perguntas...

Março, 2029



*Vida,
dever,
lei,
imperativo:
escolha.*

RESISTIR
EXISTIR
INSISTIR

VIDAS
NEGRAS
IMPORTAM

AMAR
É
UM DIREITO
❤️

*diferença
respeito
liberdade
humanidade*

57

O DISCURSO
DE ÓDIO NÃO
É OPINIÃO.
É VIOLÊNCIA.

A HISTÓRIA
NÃO PODE
RETROCEDER.



*Di-
versificando
e
entoando...*

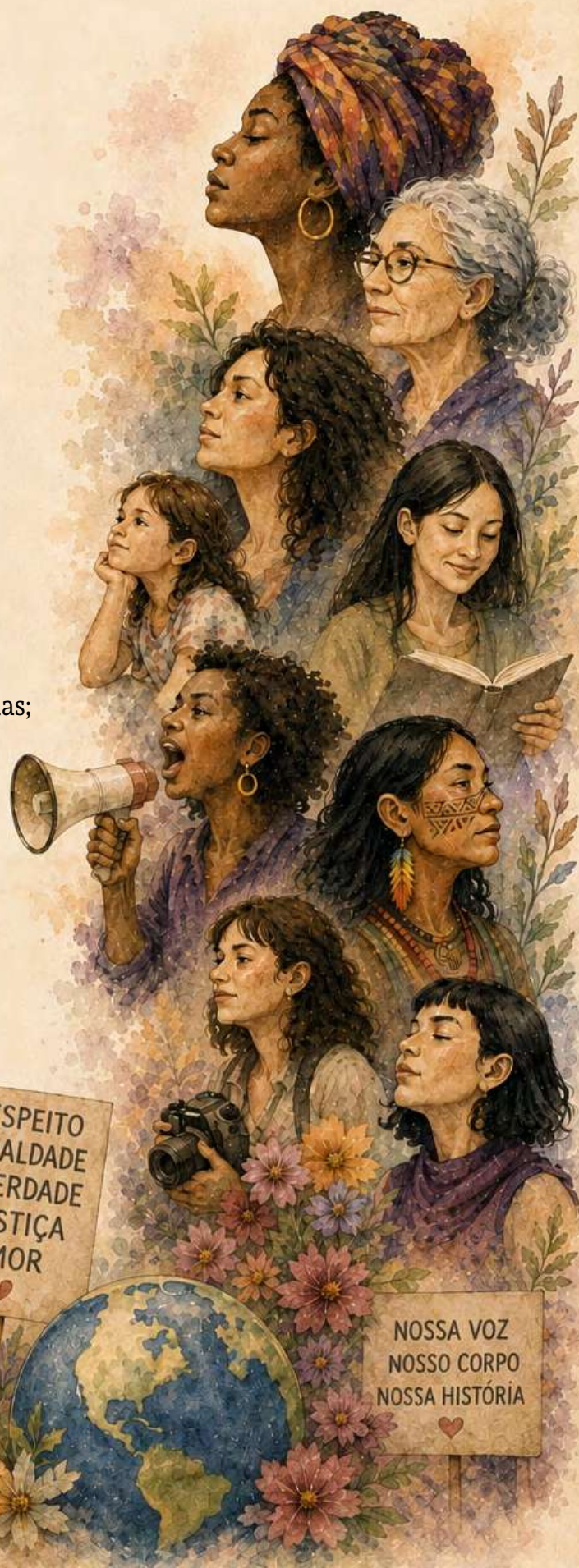
Mulheres

Mulheres cansadas, ensandecidas, alucinadas;
mulheres doces, sensíveis, apaixonadas;
mulheres empoderadas, lutadoras, insistentes;
mulheres leves, alegres, felicitadas;
mulheres persistentes, consequentes, resilientes;
mulheres sábias, sabidas, inteligentes;
mulheres flutuantes, sonhadoras, inocentes;
mulheres fluentes, intermitentes, displicentes;
mulheres adjetivadas, substanciadas, verbalizadas;
mulheres sofridas, sofríveis, estridentes;
mulheres confusas, inseguras, quebrantadas;
mulheres resistentes, entendentes, afamadas;
mulheres amantes, de sentidos pulsantes, acalentadas;
mulheres-mães, irmãs, amigas, colegas;
mulheres, meninas, femininas.

Todas as mulheres que sabem o LUGAR
que ocupam no MUNDO:

BRAVO, BRAVO, BRAVO!!!

Março, 2029



RESPEITO
IGUALDADE
LIBERDADE
JUSTIÇA
AMOR



NOSSA VOZ
NOSSO CORPO
NOSSA HISTÓRIA

São Paulo é assim...

O lugar dos lugares,
de muitos, o (não) lugar;
de tantos, o único lugar.

Abrigo em céu aberto.
Não importa.
Gosto de cá estar.

Dezembro, 2027



Doce trincado

Verbos adjetivados,
falas entrecruzadas,
conversas fiadas,
segredos sussurrados
ao pé do ouvido.
Não, não são fofocas.
Fatos, factícios
ou fictícios?
Importam?

Doce trincado
de verdades ditadas
ao pé do ouvido.
Digo.
Diga-me!

entes?
Minto?
Meias verdades,
ditas tecidas,
conversas banais,
ao pé do ouvido.
Doce trincado,
de amor iludido,
de amor sucumbido,
de amor subsumido,
de amor esquecido,
de amor dito-amor,
ao pé do ouvido

Dezembro, 2017

doce trincado
do amor...
dito-amor...
ao pé do ouvido...
♡

o que é verdade?
o que é invenção?
meias verdades...
conversas banais...
segredos sussurrados...
♡

Palavras vazias

Pedras sob pedras...
Hum! Rola a alegria.
Mais um dia...
Viva o dia!

Ninguém aparece.
Só desaparece.
Que galhardia!

Nada faz sentido, tenho dito.
Sofro de claustrofobia,
quer de noite, quer de dia.
Paciência.
Tenha pena.

Bobagens em versos,
reversos em rimas,
só palavras vazias.

Dezembro, 2017

*Ninguém aparece.
Só desaparece.
Que galhardia!*



*Viva
o dia!*



*Bobagens em versos,
reversos em rimas,
só palavras vazias.*



Poesia anacrônica (riscos)

Ganhei gosto pelas misturas:
mestiçagens, fluidez, bricolagens.
Pelas simpatias entre palavras contraditórias,
luzes e sombras, inóspitos festivos.

Aprendi a afrontar-me com os dilemas:
“Do ser, sem ser”;
“do dizer, sem sentir”;
“do folgar, sem necessitar”;
“do fugir, devendo ficar”.

Agonio-me com as maquiagens das verdades,
dos arranjos dos poderes,
dos fermentos dos saberes.

Passando a liga...
Sinto frio na barriga quando os “arcanjos do Congresso”
arengam as leis para dizer:
“Primeiro eu, depois eu. A lei sou eu.”

Com o meu dinheiro, seu dinheiro,
nosso dinheiro,
fazem miséria, usam as misturas,
as mestiçagens,
FAZEM SOMBRAS.

Usam a mim, usam a você e dizem:
— O REI sou eu!!!
Os dilemas de “ser ou não ser”,
“de sentir ou não sentir”,
evaporam-se...
Qual o sentido da política partidária?
Eu pergunto.
Todo brasileiro pergunta.
Agonio-me, hoje, sem respostas.

Outubro, 2017



Pimenta azeda

Ferida no meu lastro,
abraço meu pendor.
ASSIM, como uma fera ferida.
ASSIM, como uma pimenta azeda,
sinto o (de)sabor da dor.
Não, não.
Sofrida?
Grito no eco do vento
o grito dos esquecidos.
Como pimenta azeda,
(de)saboreei, urdida, ASSIM.
ASSIM, sim, pimenta azeda.
Hum!
Não seria pimenta ardida?
Palavras, palavras, ASSIM.
Dizem, dizem que dizem,
(des)contentes, mas dizem.
Palavras, palavras, ASSIM.
De pimentas azedas.
Pensam?
Nada contam.
Marcam pontos.

*Pimenta
azeda:
ferida
no meu lastro,
abraço
meu pendor.*



*ASSIM, como uma pimenta azeda,
sinto o (de)sabor da dor.
(de)saboreei, urdida, ASSIM.
Palavras, palavras, ASSIM.
Dizem, dizem que dizem,
(des)contentes, mas dizem.
Palavras, palavras, ASSIM.
De pimentas azedas.*



Lição de Autoajuda!

É tempo de ajudar, de ser solidário, de ser altruísta.
Livros abarrotam as prateleiras das livrarias.
Vídeos povoam a internet.
Todos querem ensinar a viver melhor:
A emagrecer com saúde,
a viver feliz em família,
a criar filhos com acerto.

Ensinam-nos a superar crises, vícios e depressões,
a vencer as dores da separação e da morte.
Instigam-nos a controlar a raiva,
superar o rancor e a frustração,
desviar da inveja, amortecer o orgulho, engolir o ódio
ou coisas equivalentes.

É um arsenal de lições:
de sabedoria ou de soberba?
De verdades ou de espertezas?
Sei lá!
Sei que os livros dão dinheiro.
Vídeos, inúmeros acessos.
(Risos.)
Fazendo a liga...

Quero ser esperta e soberba.
Ajudar a ajudar a mim mesma.
Desse jeito, pode ser?
Ensino você a ajudar-me a me ajudar.
Ajudando-me, ajudo você.
Ajudados, ajuntamos tudo e partilhamos,
em uma BELA LIÇÃO
DE COMPARTILHAMENTO.

Novembro, 2017

Ajudando-me,
ajudo você.
Ajudados,
ajuntamos tudo
e partilhamos!



Viver melhor

Família feliz

Superar crises

Controle da mente

Auteestima

SABEDORIA?

SOBERBA?

Lição de
compartilhamento:



EU + VOCÊ =
NÓS

♥ Ser solidário
♥ Ser altruísta
♥ Ajudar o outro
♥ Ajudar a mim
♥ Partilhar
♥ Viver melhor
BELA LIÇÃO!



Livros dão dinheiro.
Vídeos, inúmeros
acessos.
(Risos.)

Fazendo
a liga...

Natal? não, não...

Naufraguei nessa noite delirante,
em santa dança de euforia.

De dia, é dia.

Amanhece.

Acordei.

Quanta alegria nossa albergaria.

Há, ainda, estrelas cintilantes.

Há, ainda, lua desnuda.

Que calma!

Troféu para os viajantes.

Há luz nessa estrebaria.

Nasceu Jesus, mais um Jesus?

De outra Maria, tantas Marias.

De pai José, sem romarias.

Sob a ponte da Rua Pontes Faria.

Há, é Natal!

Lá vai a estrela-guia.

Alma boa, visita Maria,

Jesus abençoado, com alguma iguaria,

lá na ponte da Rua Pontes Faria.

Há, é Natal?

Natal?

Natal???

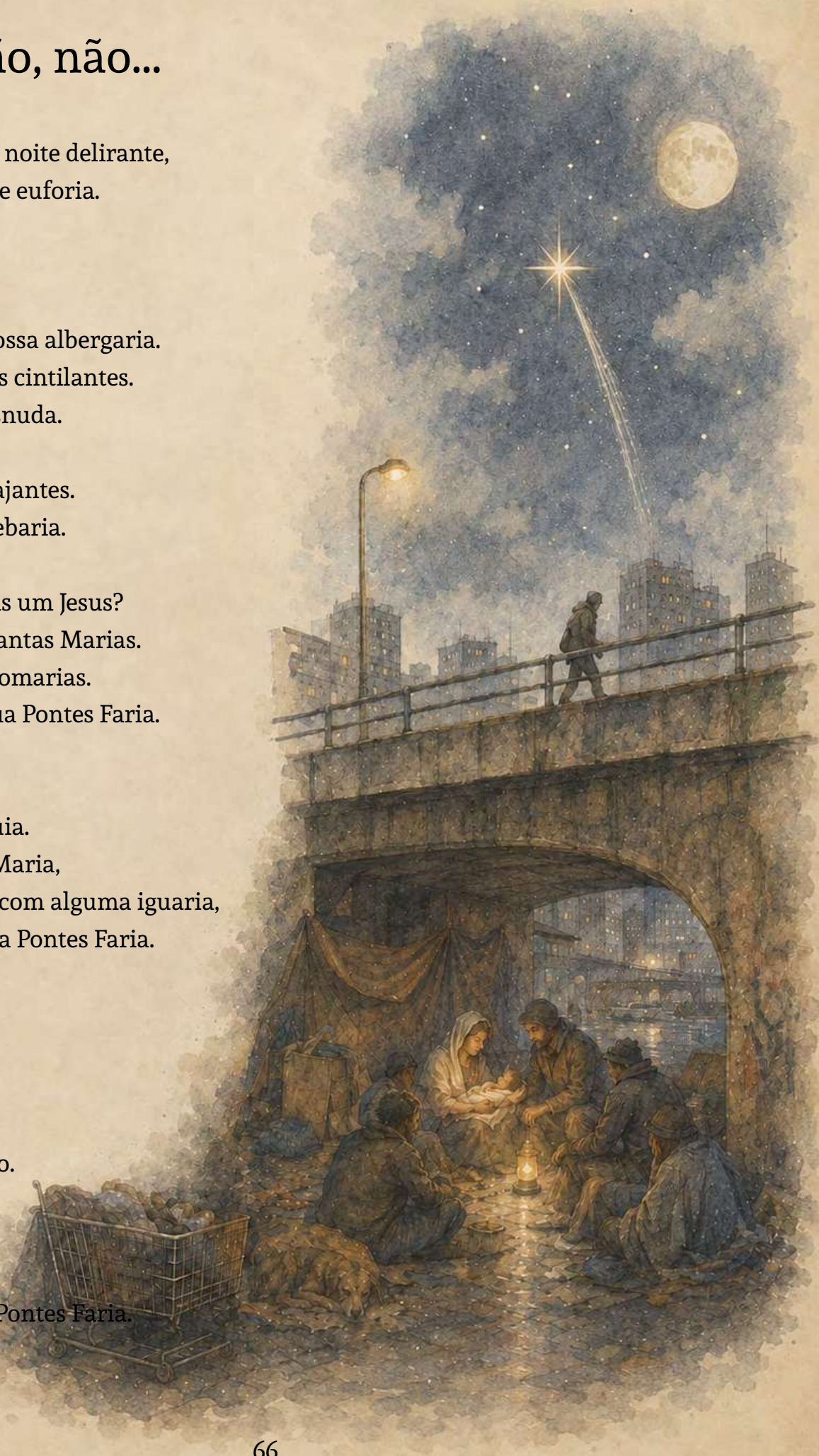
Não, não, não, não.

Não.

NÃO, NÃO, NÃO...

Na ponte da Rua Pontes Faria.

Dezembro, 2017





Ilustrações: ChatGPT



Di-versificando
e
entoando...

